

AS CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES MANDJAKUS NAS ZONAS RURAIS DA GUINÉ-BISSAU

Hermindo João Wimpe¹
Rosangela Ribeiro da Silva²

RESUMO

Pretende-se, com esta pesquisa, identificar a contribuição do trabalho no processo de preservação da cultura étnica Mandjaku na educação de crianças e adolescentes no interior da Guiné-Bissau. Para efeito deste artigo, recorreu-se ao procedimento bibliográfico e abordagem qualitativa baseadas nas perspectivas de Marconi e Lakatos 2010 e Creswell 2007. O trabalho tem sido bastante benéfico para vida humana, uma vez que adequa as crianças e adolescentes a realidades vividas nas suas comunidades. É importante salientar que o trabalho está presente no dia-a-dia da sociedade dos Mandjakus, dando a sua contribuição em tudo o que fazem para educar, pois o processo educativo é desenvolvido na relação com a natureza para a busca de respostas às nossas necessidades (Saviani, 2007). Para que os mais velhos ensinem crianças e adolescentes, eles são obrigados a trabalharem na programação do que devem ensinar a todos, de modo coletivo e de modo particular, respeitando as especificidades de tarefas que os envolvem, como nos casos específicos da tradição. Durante o processo educativo, as crianças e adolescentes aprendem no processo do trabalho, sobre o conteúdo que os mais velhos colocam a disposição deles, pois para que possam aprender e saber fazer, exercitam muito enquanto brincam, realizando as atividades práticas. Desde cedo, aprendem que para uma pessoa conseguir se manter e sustentar a família, precisa trabalhar, sobretudo com seu esforço físico. Dessa forma, a educação e trabalho são intimamente relacionados e indissociáveis, pois os resultados mostram que ensinar a criança a trabalhar é um processo que visa cuidar do crescimento dela e do seu futuro individualmente e da comunidade.

Palavras-chave: trabalho; educação; crianças; adolescentes; Mandjakus.

¹Discentado curso de Licenciatura em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: joaowimpehermindo@gmail.com

²Orientadora Docente do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade e de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: rosangelaribeiro@unilam.edu.br

INTRODUÇÃO

O trabalho é uma ação que fazemos sobre a natureza e conseqüentemente transformá-la conforme as necessidades (Saviani, 2007). O homem é cheio de necessidades, precisa entrar em contato com a natureza através dos seus esforços musculares para conseguir o seu sustento. A natureza contém vários recursos, nos quais alguns podem ser consumidos diretamente, e alguns precisam ser multiplicados e transformados para o consumo humano, razão pela qual, o homem precisa transformar a natureza por meio do trabalho para o seu benefício.

Procurou-se compreender a contribuição do trabalho no processo de preservação da cultura étnica Mandjaku na educação de crianças e adolescentes, partindo da relação deste grupo com a natureza, mediada pelo trabalho, que visa garantir o sustento familiar e comunal. No desenrolar desta análise, necessitou-se da revisão bibliográfica, na qual se recorreu às obras já desenvolvidas sobre o assunto (o trabalho).

Assim, este texto é composto por tópicos: uma breve contextualização sobre o povo Mandjaku; trabalho e educação com as crianças e adolescentes Mandjakus na Guiné-Bissau; a relação da humanidade com a natureza na cultura dos Mandjakus; grupos de idade e trabalho em grupo; conclusão e referências.

No interior da Guiné-Bissau, principalmente nas comunidades dos Mandjakus, é visível a presença de crianças e adolescentes no campo do cultivo de produtos alimentícios. Também é visível que em algum momento, a criança manifesta a vontade de trabalhar, fazendo pequenas tarefas sem necessariamente ser solicitada.

Nesta circunstância, por quais motivos as crianças e adolescentes precisam estar presentes no campo acompanhando os adultos? Segundo Lima e Veronese (2010), às crianças e adolescentes têm um direito universal, de modo que não existe uma escolha ou seleção que define quem são os seus titulares, mas sim, atende a qualquer criança e adolescente sem distinção de classe social, de gênero, de raça e cor.

Na obra, (o capital) de Karl Max, foi apresentada e discutida a exploração de crianças e mulheres no campo. Partindo desta situação, será que existe alguma diferença no propósito do trabalho discutido por Karl Max e a presença de crianças e adolescentes Mandjakus no campo do cultivo? De acordo com Mow (1987 *apud* Tolfo e Picinini, 2007), todos os valores relacionados ao trabalho são estabelecidos nos indivíduos por meio da educação na infância e adolescência, pois os conhecimentos adquiridos nestas fases, de forma sólida, acabam por

afetar, ao longo prazo, a vida desses indivíduos, mas também podem se modificar para adaptarem às diferentes etapas de vida em diferentes situações sociais, com objetivo também de mostrar às crianças o que pode ser feito, ou intolerável na comunidade.

A partir dos problemas acima descritos, o objetivo geral foi de compreender as contribuições do trabalho na educação de crianças e adolescentes Mandjakus nas zonas rurais da Guiné -Bissau. Para tal, optou-se pela pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa. Segundo Marconi e Lakatos (2010), uma pesquisa bibliográfica abrange a análise de estudos já desenvolvidos sobre o tema.

A pesquisa bibliográfica é muito importante, porque fornece informações básicas sobre o que já foi escrito por outros autores sobre o assunto, como uma das formas para melhor direcionar o trabalho, pois de acordo com o que ensina Marconi e Lakatos (2011, p. 44), “a pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa científica. ”

Segundo Creswell (2007, p.88) revisão de literatura tem como objetivo “Compartilhar com o leitor os resultados de outros estudos que estão proximalmente relacionados ao estudo que está sendo relatado.” Assim, considerando a pouca existência de bibliografias sobre o caso específico de Mandjakus, usou-se as referências aproximadas para alguns direcionamentos, pois numa abordagem qualitativa, “os investigadores usam a literatura de maneira consistente com as suposições de aprendizado do participante, e não para prescrever as questões que precisam ser respondidas sob o ponto de vista do pesquisador.” (Creswell, 2007, p.88).

Por fim, constatou-se que para os Mandjakus residentes no interior da Guiné-Bissau, ensinar a criança a trabalhar é um processo que visa cuidar do crescimento, adequando-os aos princípios morais da família e da comunidade, conforme desenvolvido a seguir.

O POVO MANDJAKUS: uma breve contextualização

O povo Mandjaku é um dos grupos étnicos da Guiné-Bissau, um país africano da língua oficial portuguesa, situado na costa ocidental da África. Um país que faz fronteira com Senegal na zona norte, com a República da Guiné-Conacri a leste e Sul. A superfície total é de 36.125km² incluindo o arquipélago de Bijagós. Além da língua oficial portuguesa, existem outras línguas, o guineense (Kriol) enquanto a língua franca do país e as línguas étnicas,

incluído o mandjaku. O país possui duas estações do ano: I) Seca- entre dezembro e abril II) das chuvas- entre maio e novembro. O clima é tropical, húmido e quente. Em termos administrativos, o país divide-se em 08 regiões: Bafatá, Gabu, Cacheu, Quinara Tombali, Oio, Biombo, Bolama, incluindo o sector autónomo e capital, Bissau (Pinto, 2009).

Os Mandjakus vivem maioritariamente no norte da Guiné-Bissau, na zona sul do rio Cacheu. É um povo apegado à sua cultura, especialmente à cultura matrimonial, na qual as cerimónias tradicionais são priorizadas, precedendo as etapas seguintes. São predominantemente camponeses, espalhados por diferentes cantos do país, tendo o feijão e o arroz como principais produtos das suas atividade agrícolas, visto que estes produtos são alimentos básicos da sua população, nos quais o arroz é o principal produto para o sustento familiar cultivado em diferentes lugares: I) as terras baixas 70% da superfície total das áreas cultiváveis, II) manguezais 27% e III) planalto 3% (Júnior, 2019).

Apesar de Cacheu ser a principal instalação dos Mandjakus, existem, atualmente, alguns membros do grupo espalhados por outras regiões do país à busca de campos para o cultivo. Atualmente, além do cultivo de arroz e feijão, o plantio de cajueiros é uma das atividades também importantes para o grupo. Os meus pais, por exemplo, saíram da região de Cacheu há muitos anos. Instalaram-se atualmente na província leste, região de Bafatá, sector de Bambadinca, concretamente na tabanca de Mato de Cão. Este deslocamento permitiu-os terem espaços próprios para o cultivo de arroz, milho, feijão entre outros tipos de produtos alimentícios, para o sustento familiar.

Importa salientar que o deslocamento da região de Cacheu não implica o desligamento da realidade do grupo Mandjaku e dos familiares, pois meus pais assim como outros familiares que também fizeram essa mudança, vão sempre à região para participarem de cerimónias, principalmente quando more um familiar, ou para participar de algum ritual de iniciação. Essa região é conhecida como “terra dos Mandjakus”, razão pela qual, quando um dos meus familiares ia à região de Cacheu, despede-se dizendo: - Vou à terra.

Para além do deslocamento interno, os Mandjakus fazem deslocamentos para países da subregião (Gambia e Senegal) e europeus (França, Portugal, Espanha etc). No entanto, mesmo estando fora do país, os Mandjakus continuam ligados aos familiares que se encontram em outras partes do país, e sobretudo os que se encontram na região de Cacheu, porque quando precisam participar de algum ritual de passagem, terão que voltar até às suas comunidades de

origem, o que também lhes obriga a preservar a língua mandjaku, porque é o idioma para estabelecer contato com a ancestralidade.

Para além dos aspectos puramente alimentares, as comunidades Mandjakus consideram a rizicultura um meio para preservação dos seus valores socioculturais, por isso decidem enfrentar alguns desafios: I) de reconstruir o capital tradicional de sementes, e II) produzir semente e partilhar o conhecimento que se relaciona com todas as comunidades Mandjakus. Com a finalidade de preservar esses valores tradições, as comunidades Mandjakus decidiram preservar vários tipos de sementes de arroz, fundamentais na organização de algumas cerimônias tradicionais, como a forma de eliminar o medo de que, futuramente, certas cerimônias não possam ter lugar por ausência de uma variedade apropriada (Júnior, 2019).

Trabalho e Educação com as Crianças e Adolescentes Mandjakus em Guiné-Bissau

Na sociedade mandjaku o processo de ensino e aprendizagem subdivide-se em quatro etapas: I) observação, II) instrução, III) pré-aplicação e IV) aplicação do conhecimento aprendido. Na primeira fase, a criança aprende a trabalhar através da imitação, não há a necessidade de muita reflexão por parte dela, pois tudo o que faz é elaborado por responsáveis que antes de tudo já refletem, considerando que os aprendizes iniciantes não têm ainda a capacidade de refletirem sobre o que são postos.

Nesta fase, a criança tem que habituar-se a sair de casa para o campo, o que não é fácil para todas as crianças, ou seja, umas gostam, e algumas odeiam. Quando a criança não se sente amada pelo pai, tem pouca confiança nele, e nem sempre sente vontade de sair com ele. Uma das coisas que também dificultam, é quando a criança tem mais amor pela mãe, neste caso, prefere sempre ficar em casa ao lado da mãe, por sentir-se mais à vontade ao lado dela.

Na segunda fase, a criança é instruída por um adulto a realizar tarefas aplicando métodos e recursos que permitem maior agilidade e eficiência. Na terceira fase, ela observa e tenta fazer igual, um processo que é mediado por adultos que acompanham as suas tentativas. Isso acontece quando a criança começa a ter interesse em ajudar no trabalho. Na quarta e última, a adolescente começa a aplicar o conhecimento apreendido noutras fases, operacionalizando as habilidades adquiridas.

Nas comunidades mandjaku, a educação não possui uma arena (espaço) específico para ter lugar, depende da finalidade e das exigências do que se quer aprender/ensinar. Por exemplo, para extração de óleo de palma, o adolescente a ser instruído acompanha os mais velhos ao mato, onde se encontram as palmeiras – um dos recursos indispensáveis nesse processo do ensino/aprendizagem.

Para os Mandjakus propósito da educação é preparar os indivíduos a responder às demandas da sociedade em suas múltiplas dimensões: econômicas, espirituais, religiosas e socioculturais. Destina-se a formar o ser humano no seu contexto e integralidade, sem especialização rígida como nos sistemas educativos “formais”, salvo em circunstâncias que requerem uma instrução a pessoas específicas para tarefas incomuns, a título de exemplo, identifica-se a preparação de túmulo para cerimónias fúnebres.

Responder as necessidades sociais de uma comunidade não deve fugir da realidade local, pois de acordo com o que Cabral ensina população da Guiné e Cabo Verde, “o homem é parte da realidade, o homem está dentro da realidade e não é aquilo que se tem na cabeça que determina a realidade. Pelo contrário, a própria realidade em que o homem vive é que determina as coisas que o homem tem na sua cabeça” (Amílcar, 1963-1973.)

Todos os valores que estão relacionados com o trabalho na citada comunidade são estabelecidos por meio da educação infantil e na adolescência, pois acabam tendo um efeito durável na vida desses indivíduos, mas também, se modificam e se adaptam às diferentes etapas de vida, em diferentes situações sociais, assim como mostra às crianças o que pode ser legítimo, ou tolerado na comunidade (Mow,1987 apud Tolfo e Picinini). Neste sentido, existe uma reciprocidade entre a educação e o trabalho, onde o indivíduo é educado para trabalhar e posteriormente trabalha para educar.

Educar um indivíduo é o ato de completar o corpo. Está é uma das diferenças que existem entre o animal e ser humano, porque os animais reagem por instinto, daí a ideia de que já nascem completos, isto é, quando eles nascem, já têm no DNA algo que os completa, isto é, o programa daquilo que eles vão fazer; enquanto nós humanos não temos esse programa completo, o que implica necessário inventarmos nossa maneira de ser. Enquanto seres humanos, começamos a pensar por causa da fraqueza do nosso corpo, o que implica que, se nós tivéssemos dependido de nós (nosso corpo) sem depender dos responsáveis pela nossa educação e o cuidado, estaríamos mortos (Alves *Apud* Mosé, 2014).

O pensamento exposto acima acerca nos remete ao entendimento de que não nascemos prontos, Ivo Tonet (2005) assegura em Marx que não nascemos humanos, mas nos tornamos humanos ao apropriarmos-nos das riquezas materiais e culturais produzidas historicamente pelo conjunto da humanidade. É o que Paulo Freire discorre sobre o *SER MAIS*, o *VIR A SER*, pois não nascemos prontos e não estaremos prontos e acabados, estaremos, porém, sempre no contínuo processo de aprendizagem e de construção da nossa humanidade.

Nesse sentido, os pais estão presentes nesse processo educativo, na formação cultural dos filhos, partindo dos ensinamentos que os transmitem e a capacidade reflexiva crítica que neles desenvolvem ao longo do crescimento, pois assim como mostra Mosé (2014), a aprendizagem significa transformar-se. Logo, onde não há mudança, não há aprendizagem e se por algum motivo ela existir, será aquela mecânica/mnemônica de quem simplesmente repete sem pensar no que repete.

A Agricultura familiar na Educação de Crianças e Adolescentes Mandjakus em Guiné-Bissau

Por ser um grupo étnico cuja agricultura tem como principal atividade econômica e em certa medida, a pecuária, os Mandjakus buscam passar informações e práticas necessárias para o trabalho nessas áreas as suas crianças e adolescentes, como forma de prepará-los para os desafios da idade adulta. Nesse sentido, os pais procuram passar aos filhos, os princípios morais e éticos voltados à valorização do trabalho, uma vez que estão cientes da impossibilidade de exercer algumas atividades e sustentar a família na idade adulta mais avançada (idosa).

O processo de ensino e aprendizagem entre os Mandjakus possuem, como salientei na secção anterior, várias fases: observação, instrução, pré-aplicação e aplicação do conhecimento aprendido. Na etnia Mandjaku, antes de uma criança começar a trabalhar, ela é estimulada a frequentar o campo para acompanhar o pai e/ou outro parente no trabalho. Nesse processo, o pai ou parente lhe fornece explicações sobre os métodos e etapas de certas atividades laborais, seja na agricultura ou em outro sector.

Sobre esse assunto, Bâ (2019) sublinha que a atenção e observar são técnicas que um aprendiz utiliza para adquirir conhecimento através do seu mestre, não são permitidas as perguntas em qualquer circunstância, pois apenas o aprendiz observa e imita o seu mestre. Esta

fase é considerada muda, porque o aprendiz fica calado observando com toda atenção enquanto o mestre dele pratica. Já na fase mais avançada, fase oral do aprendiz, o mestre transmite tudo ao seu aluno corrigindo-o quando necessário até ele se aperfeiçoar. Após o aluno aperfeiçoar, ele espera por uma cerimônia (formatura) para que possa ser declarada independente num determinado trabalho ou a função que adquiriu através do seu mestre

Perante esta situação, o novo profissional carrega consigo os conhecimentos dos ancestrais. Este sistema é usado dentro de diferentes povos da tradição oral, como o caso dos Mandjakus entre outras sociedades africanas da tradição oral, que usam este método para educar as crianças e adolescentes, pois para ser profissional de uma determinada área, geralmente, a pessoa começa a aprender desde criança e, na adolescência, é considerada a fase de aperfeiçoamento em que o indivíduo torna-se capaz de transmitir também aos outros.

Este processo da transmissão “mecânica” de conhecimentos foi analisado por Libâneo (1994), partindo da crítica ao sistema em que o mestre só deposita os saberes no seu aprendiz, contudo, vale salientar que, no caso específico dos Mandjakus, na fase inicial, a criança não recebe justificativas sobre todas as ações, principalmente aquelas que são sagradas, mas sim, ela é ensinada a fazer boas práticas, e recebe justificativas e argumentos das ações só mais tarde, num estágio mais avançado.

Esta questão merece muita atenção, porque para a educação no sentido estrito, o que o ensino “moderno” exige na atualidade é um pouco diferente, pois, em se tratando de ensino escolar, para Libâneo (1994), muitas vezes, a atividade de ensinar é encarada como simples transmissão da matéria aos alunos, aplicando os exercícios repetitivos, memorização de fórmulas e definições. Neste processo, enquanto o professor passa a matéria, os alunos escutam e quando precisam responder, simplesmente reproduzem conforme consta no livro didático sem reflexão alguma. Quando estudam para a prova, simplesmente decoram a matéria para reproduzirem na folha, mais nada. Esta forma de ensino é peculiar e empobrecida, o que hoje é chamado de ensino tradicional. Uma afirmação desse tipo pode nos levar a pensar no tipo de ensino que recebemos e o tipo que vamos dar aos nossos alunos, pensando nos possíveis impactos, negativos ou positivos.

Para relacionar essas duas formas de educação, primeiramente, considero ambas válidas, respeitando o contexto em que cada um desses processos acontece. Eu passei por ambos os processos: 1) receber uma informação/conhecimento sem direito de apresentar a minha dúvida no momento inicial, pois existem fases seguintes para tal. Na cultura Mandjaku, a criança não

é subestimada, contudo, reconhece-se a vulnerabilidade que ela possui de não guardar segredo por muito tempo. Neste caso, quando se trata de um assunto sagrado, prefere-se que ela não seja informada o motivo, e nem é permitido fazer perguntas sobre a prática em questão. Por outro lado, temos o II) e último, no qual é aceitável apresentar a minha dúvida, mesmo antes do professor concluir explicação do conteúdo abordado, pois ao longo da minha educação escolar “moderna”, não deparei-me com esta questão do sagrado, o que mostra que o professor pode explicar tudo, ser prático, e não simplesmente criar condições para os alunos reproduzirem os conteúdos conforme estão no material didático.

No caso da criança da comunidade mencionada, que aprende “trabalhando” é um processo diferente daquilo que acontece na escola e na academia, porque os objetivos são muito diferentes. As comunidades Mandjakus são compostas por estruturas hierarquizadas, de forma que as funções são bem divididas até ao ponto em que nem todos adultos podem refletir sobre certas situações, porque existem situações/assuntos que podem ser resolvidos por determinadas pessoas, e não por qualquer membro da comunidade. Isso implica que, mesmo quando a pessoa se encontra na fase de questionamento, a ela não é oferecida a resposta, por isso que nas nossas comunidades existem coisas que as pessoas afirmam que são boas ou más, mas poucas pessoas sabem o motivo. Portanto, esta forma do ensino não é empobrecedora, mas reconhece-se também que ela não se aplica em todas as circunstâncias do ensino.

Os homens, ao longo da vida, aprendem a produzir as suas próprias existências contínuas, onde aprendem trabalhando, lidam com a natureza, relacionam-se uns com os outros, por fim, educam as novas gerações (Saviani, 2017). Neste caso, o homem não só produz simplesmente os seus produtos alimentícios, mas também, produz e faz manutenção da sua própria existência durante a produção dos produtos alimentícios, ou seja, durante o trabalho, o homem desenvolve sua capacidade física e intelectual para enfrentar mais tarefas com facilidade. Além do próprio desenvolvimento físico, a sua capacidade de lidar com a natureza e dominá-la aumenta a cada vez que intensifica a sua atuação na transformação dos produtos para o bem próprio.

A pessoa humana, enquanto ser inacabada (FREIRE), em contínua formação, aproveita, de certa forma, deixar os substitutos preparando-os para a continuidade da sua relação com a natureza, que é o trabalho. Nesta circunstância, a manutenção da sua existência enquanto ser humano, seria também, a educação da nova geração, ou seja, quando ele educa os mais novos,

ensinando-os como aproveitar da natureza, ele está a trabalhar na manutenção da sua própria existência enquanto ser humano.

Para o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação-GPTE/UFMT (s/ano), a terra e outros seres não pertencentes à natureza humana fazem parte das condições necessárias para a existência e produção da vida humana. Para pensar a relação entre o indivíduo e a natureza, é necessário primeiramente considerar que a existência do homem em si tem como condição a existência de outros seres na natureza e a própria terra (GPTE/UFMT *apud* Tiriba e Fischer, 2015).

Nesta circunstância, o ser humano, até para a sua existência, necessita de outros elementos da natureza, por isso o grupo encara o trabalho como princípio educativo e elemento central na produção da vida humana. Sem a mediação do trabalho, não tem como existir a vida humana na natureza. Ao longo da vida, o ser humano é capaz de perceber e saber lidar com outros fenômenos da natureza, a relação na qual o homem, além de transformar esta natureza para o seu bem, ele também se transforma enquanto elemento natural inacabado/imperfeito, ou seja, o ser humano, enquanto elemento da natureza, nasce inacabado e precisa de se completar/ajustar lidando com a natureza para a sua própria criação, transformação, manutenção e permanência na natureza.

O indivíduo, em relação à cultura, produz por meio do trabalho, a sua cultura e se produz também como ser de cultura. Isto significa e quer dizer que, quando ele trabalha a sua própria cultura, está ao mesmo tempo a determinar a sua forma de sobrevivência e de sua família, ou seja, esta cultura decide sobre a forma que esta pessoa humana passará a se conduzir na terra se relacionando com outros de culturas diferentes. O indivíduo, durante a sua relação com outros grupos, acaba produzindo saberes sobre a forma de estar no mundo. Neste sentido, há historicamente uma relação intrínseca entre o trabalho e a educação no seu sentido amplo.

A Relação da Humanidade com a Natureza na Cultura dos Mandjakus

Se é possível educar as crianças e adolescentes por meio do trabalho, essa educação deve, em alguma medida, adotar um modelo de acordo com o contexto em que estas crianças e adolescentes estão inseridos. Não estamos fazendo alusão ao determinismo geográfico de Charles Darwin, mas a influência do contexto – incluindo o geográfico – na vida do indivíduo

e na sua educação que é um dos mecanismos a partir dos quais as crianças e adolescentes são preparados para que possam, posteriormente, responder às necessidades das suas comunidades.

Nesta situação, as crianças aprendem, desde cedo, a comer, trabalhar e a perspectivar o futuro considerando o que a natureza coloca à disposição dos pais/comunidade. Quando eu era criança, os meus pais cultivavam milho em grande quantidade, mas eu não gostava do milho e dizia que não queria comê-lo. Os meus pais, ouvindo isso, mandavam-me comê-lo obrigatoriamente, porque não poderiam cozinhar arroz para mim todos os dias, e isso seria muito delicado, porque os Mandjakus fazem conta que um dia, a pessoa poderá sair da sua casa e ser recebido em outra como hóspede, e ninguém sabe o tipo de comida que o seu acolhedor poderá ter em sua disposição. Portanto, eles aproveitaram para educar-me de acordo com o que tinham e com o que faziam. Quando cheguei à idade de começar a trabalhar, comecei a aprender de acordo com os trabalhos que eles faziam.

O nosso sistema de cultivo faz parte da nossa cultura, porque a cada ano, nós seguimos os mesmos procedimentos para o nosso cultivo e as crianças continuam sendo educadas e adequadas à mesma realidade. Na nossa família, nós dependemos do campo para nos sustentarmos, de modo que é possível visualizar a presença das crianças e adolescentes nos nossos campos.

Se fizermos a comparação entre os agricultores na Guiné-Bissau, vamos constatar que cada zona tem a sua forma de produção tendo em conta a realidade geográfica, e se educam para o trabalho considerando essa realidade. Essa forma de cultivo passa a fazer parte dos costumes, pois o ser humano precisa construir-se para que possa se completar.

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo (Saviani, 2007, p. 154).

Eu concordo quando Saviani (2007) afirma que nós precisamos aprender a ser humano e precisamos aprender a produzir a nossa própria existência, pois isso parece prazeroso para o indivíduo desde a sua infância, porque normalmente, na cultura mandjaku a criança tem a curiosidade de saber fazer um trabalho, principalmente quando vê os mais velhos a trabalharem. Nesta cultura, ela sente vontade de fazer a mesma coisa com os adultos, quer sejam os pais quer

sejam outras pessoas da comunidade a trabalharem. Na Guiné-Bissau, fundamentalmente entre os Mandjakus, acompanhar os adultos ao campo é hábito de muitas crianças, pois é no campo que elas observam, experimentam e aprendem as técnicas de produção necessárias para a vida na comunidade.

O trabalho em si, cria curiosidade na criança, ela sempre quer experimentar, fazendo o que os adultos fazem. Então, nesse processo, a criança não é afastada logo no primeiro momento, ela é deixada para experimentar só um pouco, porque na base do fazer que ela sustentará a sua família no futuro. Nessa família, tanto mãe, assim como pai, quando forem velhos, esse filho que tomará conta deles, por isso que quando o pai ou a mãe Mandjaku vê o filho, ou a filha com vontade de fazer o trabalho que aprendeu, fica feliz, pois percebe que está a caminho de ter um bom substituto e cuidador do plantio no futuro.

Na cultura dos Mandjakus, existe a divisão sexual em muitos trabalhos, mas na verdade, existem também trabalhos que homens e mulheres fazem juntos. Vale esclarecer que, muitos destes trabalhos são bem divididos por sexo, não por julgamentos negativos, mas sim, como estratégia colaborativa. Se formos ver o caso da cozinha, vamos constatar que ela é, comumente, assumida pelas mulheres. Isso não significa e nem quer dizer que o homem não cozinha, mas quem faz com maior frequência é a mulher, porque enquanto ela cozinha, o marido vai ao campo cultivá-lo. Na verdade, o cultivo tem vários processos, nos quais as mulheres participam de muitas etapas, mas tem algumas que não podem fazer, por ser muito pesada ao ponto que até certos homens fogem dele, e vão para as cidades.

O marido se levanta cedo para trabalhar no campo, de modo que a mulher, por sua vez, prepara a comida para ele. Assim, nos primeiros momentos em que a criança tiver que frequentar o campo, não vai com o pai, mas sim, só vai depois com a mãe quando ela leva a comida. Quando chegam ao campo, em certo momento, ela própria pede-lhe que tente imitar o pai, trabalhando como ele (ajudar o pai).

Nesta fase, a criança ainda não consegue fazer nada capaz de gerar um produto visível, como é o caso da coleta da fruta, mas esse pequeno gesto deixa a criança informada que ela irá trabalhar com o pai no campo mais tarde. Ou seja, a criança não precisa fazer tarefas que requerem grande esforço e maior perfeição, mas oferece auxílio aos adultos em questões básicas e leves enquanto observa o processo e faz as primeiras tentativas.

O espírito de trabalho é criado e verificado na criança quando ela própria manifesta vontade de trabalhar, mesmo que esteja sem força suficiente (a maturidade física).

A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie (Saviani, 2007, p.154).

É certo que Saviani (2007) relaciona o processo de aprendizagem e de transmissão de conhecimentos para além dos imediatos, da produção da existência humana, embora nos ancore para perceber as elaborações do autor e a relação com ações imediatas dos Mandjakus. Existem casos em que a criança não mostra a vontade de fazer alguma coisa, mesmo estando no campo. Isso alerta os pais sobre essa criança e começam a analisar o comportamento dela sobre o fazer. Quando a criança chega ao campo e nem manifesta vontade de querer fazer alguma coisa, ou se sujar, isso faz os pais a convidá-la sempre a fazer algumas coisas, como a forma dela habituar a trabalhar. Ao longo do processo educativo, a criança começa a aprender, fazendo as tarefas mais leves. Estas tarefas acontecem principalmente quando a mãe está na cozinha e pede que o filho, ou à filha que a auxilie no acesso a pequenos objetos e produtos dos quais vai precisar ao longo da cozinha, como: limão, sal, água em pequenos recipientes, cebola entre outros elementos.

Em relação ao pai, esses pequenos mandados a criança acontecem também quando prepara instrumentos de trabalho, como arado, enxada, rede de pesca entre outros. No decorrer desses processos, a criança coloca na sua consciência que precisa ajudar a mãe ou pai sempre que estiver a trabalhar. Quando percebe que a mãe ou o pai está a trabalhar, a criança avança dando a sua contribuição sem ser necessariamente solicitada.

No entanto, a criança não pode trabalhar por muito tempo, ela é aproximada de tarefas por pouco tempo, pois não tem a maturidade física para tal, por isso que ela sempre é mandada a descansar, mas tem vezes que a própria criança não aceita descansar-se à medida que esteja numa fase em que o hábito de trabalhar se encontra nela.

Ela é recomendada a descansar quando quiser. No momento em que os pais percebem que a criança gosta de trabalhar, dispensam-na de muitas coisas, pois percebem que está no bom caminho. Ensinar a criança a fazer alguma coisa, entre os Mandjakus, não é sinônimo de castigo, mas sim, instrução e uma preparação para os desafios do seu futuro, dos pais e da comunidade em geral, sendo eles dependentes do campo para a sobrevivência.

A criança é preparada dentro de um processo educativo que não coloca de fora o trabalho, sendo ele elemento fundamental para a vida da comunidade. Para que a criança saiba que precisa trabalhar para sustentar os outros, ela é consciencializada desde cedo, antes da fase da adolescência, que é complexa para iniciar o processo educativo, por isso as crianças são aproveitadas mesmo antes da adolescência para certos processos educativos que não exigem a idade ou especificidade, como no caso do trabalho normal (geral).

A separação do trabalho manual e o trabalho intelectual, o ato de pensar e fazer foram separados ao longo da história do capitalismo, pois, mesmo que da forma menos avançada das forças produtivas, a educação e o trabalho eram fenômenos que coincidiam totalmente, onde as propriedades e meios de produção pertenciam a todos os homens na produção da própria existência através da qual educavam-se e educavam a nova geração (Saviani, 2007). Quer dizer, não havia uma separação rigorosa entre o trabalho e educação – os dois fenômenos aconteciam ao mesmo tempo.

No conceito fundamental pertencente à balança Nós-Eu, que indica que a relação da identidade-Eu com a identidade- Nós do indivíduo não são estáveis por todo tempo, mas é possível que exista transformação muito específica. (Elias, 1939). Neste caso, a subida no nível de vida de alguns pela apropriação da terra, originou a grande desigualdade dentro das comunidades originando assim, o surgimento, ou seja, a separação rigorosa de classe.

Na medida em que aquela estrutura de controle do trabalho, de recursos e de produtos consistia na articulação conjunta de todas as respectivas formas historicamente conhecidas, estabelecia-se, pela primeira vez na história conhecida, um padrão global de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. E enquanto se constituía em torno de e em função do capital, seu caráter de conjunto também se estabelecia com característica capitalista. Desse modo, estabelecia-se uma nova, original e singular estrutura de relações de produção na experiência histórica do mundo: o capitalismo mundial. (Quijano, 2005, p. 118).

Existiu duas modalidades de educação, só a partir do antigo escravismo. Este, por sua vez, permitiu a criação de dois lados, um para classe proprietária que foi identificada como educação dos homens que eram livres e outro para a classe com menos privilégio/não proprietária, designaram - educação de escravos e serviçais. A primeira classe ocupava-se com atividades intelectuais, arte de palavras, exercícios físicos de caráter lúdico e militar; a segunda foi assimilada pelo próprio processo de trabalho (Saviani, 2007).

Logo no nascimento, o indivíduo é diretamente inserido em uma estrutura bem definida, onde deve obrigatoriamente conformar e moldar-se de acordo com a estrutura que lá se encontra, e, a sua liberdade de escolha é definida, onde deve fazer a escolha só dentro do padrão desse grupo (Elias, 1939). Neste caso, a decisão de pertencer a um grupo ou outro não depende do novo integrante (criança), mas depende da posição social dos pais e, a sua educação depende desse grupo.

O espaço que hoje chamamos de escola, surgiu a partir da primeira modalidade de educação. A palavra escola vem do grego e significa o lugar do ócio, tempo livre. Só podiam ir para este lugar as pessoas que tinham tempo livre. A partir dessa criação, foi desenvolvida uma forma específica de educação diferente do processo produtivo que existia antes. Por ser específica, essa nova educação passou a se identificar como a educação, com a finalidade de separá-la do trabalho (Saviani, 2007).

Ao longo deste trabalho, é possível perceber a importância de manter a relação do trabalho e a educação para a própria continuidade da espécie, pois, continuam sendo fenômenos inseparáveis na prática. Quando digo na prática, quero dizer que entre os dois lados criados, continua a existir o trabalho e a educação ao mesmo tempo, apesar da figurativa divisão feita. Se formos ver como funciona o processo do trabalho que ocorria naquela altura, após separação dela com o que eles chamaram de educação, vamos constatar que de fato, antes de qualquer pessoa trabalhar, ela aprende através dos outros que estavam naquele lugar antes dele.

Neste caso, cada escravizado recrutado tinha que aprender com os outros escravizados. Todo tipo de trabalho que existe tem suas regras, pois a existência de várias tarefas implica que a forma de as executar é diferenciada. Algumas pessoas que pertenciam à classe privilegiada não sabiam fazer os trabalhos que os escravizados faziam naquela altura, porque a educação que receberam no lugar do ócio foi diferente daquela que os escravizados receberam.

Se mudarmos para a classe privilegiada, vamos ver que naquele processo educativo também havia pessoas que trabalhavam bastante na transmissão do conhecimento para os outros. Pela minha experiência enquanto estudante que em algum tempo foi professor, sei que antes de ir à escola, o professor tem que preparar a matéria a ministrar na sala, pois sempre existem programas de cada disciplina que o professor precisa seguir.

Para os habitantes que não dependem diretamente do campo para o sustento familiar e comunal, as suas crianças parecem não fazer nada, como caso de serem formadas por meio do trabalho. Parece que estes pais nunca teriam problemas se deixassem as suas crianças e

adolescentes sem aprender algo por meio do trabalho, mas já conheci algumas pessoas que ficaram confusas por não terem ensinado os filhos e filhas a fazerem as coisas de forma adequada. Isso acontece, não porque essas pessoas estejam protegendo as suas crianças, mas isso, de alguma forma, parece ser a questão de menosprezar a capacidade que as crianças têm de observar as coisas, pois a presença de criança Mandjaku no campo justifica-se por ser necessário ela observar o funcionamento das coisas que irá fazer futuramente, e esse momento também serve para ela estabelecer e fortificar a sua relação com a natureza.

A minha mãe costumava dizer que nunca ouviu falar que alguém morreu por causa do trabalho normal para o sustento familiar, e concluía dizendo-me: – *Filho, trabalha! Você não vai morrer por isso.* Assim, eu tentava fazer algumas coisas sem problema. Ela, além de dizer o que eu poderia fazer e o que não poderia, ela mandava-me colocar na prática. Eu não aprendi apenas a manusear os instrumentos do cultivo, mas também, aprendi a cozinhar desde cedo. Na nossa casa, a maioria são mulheres, mas em alguns momentos eu pedia para cozinhar, pois queria muito aprender. Eu tinha que pedir, porque as tarefas eram divididas, pois nós enquanto homens em casa, é da nossa responsabilidade preparar a terá para o plantio de arroz, uma tarefa muito pesada que as mulheres nunca deveriam fazer. Aprender a cozinhar foi muito importante para mim hoje enquanto estudante internacional, que, de repente, precisa preparar alguma coisa para comer.

A partir dos pequenos afazeres, a criança se sente trabalhadora e sempre mostra ter vontade de fazer alguma coisa. Eu, desde cedo, gostei muito de estar no campo onde trabalhava a minha mãe ou meu pai, pois eu tentava por decisão própria, fazer até tarefas fora da minha idade, isto é, aquelas que dava para aprender só a partir da adolescência. Sempre tive vontade de trabalhar alguma coisa. Mesmo que me impedissem, eu tentava pelo menos fazer um pouco. Eu não conseguia ir ao campo e voltar para casa sem antes tentar fazer alguma coisa.

Assim, eu ia ao campo com as minhas irmãs, transportando arroz para casa. A minha mãe colocava um pouquinho de arroz numa sacola que eu carregava para casa, mas assim que eu me cansava, não voltava ao campo, e ninguém me perguntava e nem me obrigava continuar a trabalhar, porque não era a idade ideal para que eu trabalhasse. Isso era incrível, porque em vez de eu fugir do trabalho, quando colocavam um pouquinho do arroz na minha sacola, eu pedia que colocassem mais.

Para os Mandjakus que dependem do campo, a força produtiva da comunidade é preparada nas crianças para que um dia sejam jovens aptos para responsabilizar-se pelo sustento

familiar. Não preparar a criança para o trabalho no campo na nossa cultura implica criar um tipo de indivíduo que raramente gosta de trabalhar, e que muitas vezes acaba por fugir do trabalho na comunidade, indo parar na cidade. Preparar essas crianças leva em consideração os tipos de trabalhos, nos quais as crianças são preparadas de acordo com o gênero que pertencem.

Nesta produção, falar da divisão sexual dos trabalhos feitos nas comunidades Mandjakus como estratégia para colaboração na produção não justifica e nem defende qualquer forma de exploração ou julgamentos à camada feminina ou masculina, pois estou ciente de muitas divisões feitas pelo gênero, tanto para trabalho do campo, assim como em outras esferas que envolvem o grupo: formas de poder, linhagem familiar entre outras, pois o que nós enfrentamos hoje em muitas realidades exige uma dinâmica e atualização de algumas práticas feitas, independentemente do sexo/gênero que o indivíduo pertence. Assim, esta parte apenas apresenta essa divisão enquanto estratégia colaborativa para o aumento da produção.

Enquanto discute sobre os mitos criados sobre a dominação masculina nas sociedades de classes, Leacock (2019, p.175) afirma que as mudanças nos padrões hierárquicos de poder perdem suas distinções qualitativas entre sociedades igualitárias e sociedade de classe, e que, “em todo caso, a existência de papéis sexuais distintos é um fator humano universal, e assumir que qualquer diferença entre os sexos envolve necessariamente a hierarquia é considerado não como etnocentrismo, mas como bom senso”.

Ainda nesta perspectiva, os valores como este foram fundamentais para a sobrevivência dos povos africanos, pois se formos ver o caso da maternidade, por exemplo, Leacock (2019) descreve a natureza da responsabilidade comum de todos da comunidade na criação dos filhos e no cuidar dos outros. Apesar do papel da mulher e os cuidados maternos serem fundamentais para qualquer sociedade e cultura contínua, em uma sociedade patriarcal, este papel não tem o valor que traz numa sociedade matriarcal (Dove, 1998).

Sobre os assuntos desta natureza, Wiredu (1984) recomenda que exista muita atenção quando pretendemos comparar o pensamento ocidental com o africano, pois segundo Dove (1998, p.8), nas sociedades africanas, “a mulher é reverenciada em seu papel como a mãe, quem é a portadora da vida, a condutora para a regeneração espiritual dos antepassados, a portadora da cultura, e o centro da organização social. Assim, a interpretação de alguma prática não deve ser feita de qualquer maneira sem respeitar o seu contexto social/cultural.

Nestas realidades, o conceito de matriarcado serve para destacar a complementaridade entre o feminino e masculino em todas as formas de vida entendidas como não hierárquicas.

Assim, tanto homem e mulher trabalham juntos em todas as áreas na organização social (Dove, 1998), o que não pode ser aplicado na sociedade de classes, pois “o estudo dessas sociedades revela que seu igualitarismo aplica-se plenamente tanto às mulheres quanto aos homens” (Leacock, 2019, p.173).

Logo nas primeiras idades, as crianças são cuidadas e preparadas de acordo com a função que irão desempenhar na comunidade, como a melhor forma de contribuírem para o bem de todos. Nesta situação, a formação comunal dessas crianças femininas e masculinas são diferenciadas. Esse processo respeita as fases acima mencionadas: I) observação, II) instrução, III) pré-aplicação e IV) aplicação do conhecimento aprendido, nas quais as crianças femininas aprendem a fazer as tarefas “leves”, como: varrer, cozinhar, colocar a água de beber no vaso, buscar a lenha para cozinha, cozinhar, levar a comida para os homens no campo, cuidar das crianças, lavar a roupa do marido entre outras tarefas.

Os meninos aprendem a fazer tarefas “mais pesadas”, como: levar a água para o campo, acompanhar os adultos, e pastorear gados na mata. Aprendem a pescar, caçar, usar o arado no cultivo. São ensinados a guerrear para defender a comunidade, aprendem a subir palmeiras, sendo esta uma prática muito importante na cultura dos Mandjakus, entre outras tarefas. Nesta realidade, é vergonhoso um menino não conseguir fazer essas tarefas e também vergonhosa uma mulher não saber cozinhar. Porém, é muito claro que algo que despertava vergonha no século passado pode não ser vergonhoso no século posterior e vice-versa. (Elias, 1939). Nesta situação, é possível ver que as pessoas que se deslocaram dessas comunidades enfrentam outras necessidades, pois as novas realidades delas não exigem mais que sigam rigorosamente essa forma de divisão.

A título de exemplo, trago a minha situação conforme referi acima que, eu aprendi a cozinhar prevendo que um dia estaria fora da minha comunidade, e precisaria preparar a minha comida por conta própria, como está acontecendo hoje.

Grupos de idade e trabalho em Grupo

O trabalho não nos permite apenas adquirir os produtos para o nosso sustento – é um elemento importante na construção de qualquer relação social. Talvez seja, por isso, que o grupo Mow (1987), após suas pesquisas, afirma que a maior parte das pessoas prefeririam continuar a trabalhar mesmo que tivessem toda condição para viver confortavelmente ao longo de vida,

acreditando que o próprio trabalho, além de ser elemento garantidor do sustento para as comunidades, é também, um meio que permite o ser humano se relacionar com os outros, onde acaba se sentindo identificado por essa sociedade.

O trabalho em grupo é um dos elementos principais para que os Mandjakus se conhecessem melhor nas suas comunidades. Isso pode ser comparado com o lugar que o futebol ocupa hoje na vida dos jovens, proporcionando-lhes encontros, competições e se conhecendo, mesmo sendo de diferentes bairros.

Nas sociedades Mandjakus, são criados grupos de trabalhos de acordo com idade e sexo. Existe uma divisão geracional: grupo para adolescentes grupo dos homens e das mulheres. Todos estes grupos trabalham para o bem da comunidade, se fundamentando nas crenças e nos princípios que visam garantir o bem de todos. Para que estes grupos possam existir e que se permaneçam unidos na base do respeito, todos os elementos começam a enfrentar as preparações para tal desde criança, adolescência até a fase adulta. Nesta situação, antes que um adolescente faça parte do grupo, ele/a precisa primeiramente entender a importância do trabalho.

Os trabalhos em grupo são fundamentais para adolescentes se compararem e se equilibrarem entre eles, a partir dos princípios deixados pelos mais velhos e controlados pelo chefe do grupo. O comportamento de cada um desses adolescentes depende bastante do que é transmitido pelos pais em casa, porque antes de começar a participar do trabalho em grupo, ela começa a frequentar o campo, conforme indiquei acima, mas caso não esteja bem preparada, é ajustada pelos colegas, principalmente pela mãe ou pai do grupo, porque existe a necessidade de todos fazerem os seus melhores no campo, pois existem “competições” simbólicas que fazem em cada trabalho. Os filhos cujos pais se atentaram desde cedo para ensiná-los, são sempre aperfeiçoados, isto é, conseguem atuar no campo sem obstáculos, porque trabalhar já não se enquadra como novidade para eles no grupo.

Este princípio não se limita na fase da adolescência, mas sim, se intensifica mais em cada fase de acordo com a idade, principalmente na juventude, a fase em que todos os jovens se sentem mais fortes e capazes de fazer qualquer coisa. Quando já são jovens, os pais começam a receber os relatórios em casa sobre os desempenhos dos seus filhos no campo, e toda a comunidade fica sabendo do mais destacado do grupo, o que todos os pais almejam para os filhos. Os pais sentem orgulho quando recebem a notícia que os filhos são bons e estão na linha de frente, porque sentem-se respeitados pela comunidade e ficam sabendo que todas as famílias

ficarão abertas para concederem o casamento aos filhos deles, tendo em conta a garantia do sustento e respeito visto nos mesmos.

CONCLUSÃO

Cada comunidade deve educar os seus sucessores de acordo com a realidade que vivem. Não devem copiar outras formas da educação existentes em outras partes do universo cujas realidades diferentes, porque nem sempre correspondem às necessidades locais. Cada criança deve ser educada de acordo com a presente e futura necessidade da sua comunidade. Ensinar a criança a trabalhar não é sinónimo do trabalho infantil no sentido da violência aos direitos da criança, mas sim, é um processo que visa cuidar do crescimento dela e do seu futuro individualmente e da comunidade.

É possível ver pelas mídias digitais, que os direitos de muitas crianças e adolescentes africanas são violados de diferentes formas, como acontece também em qualquer continente do mundo, mas isso não deve ser julgado de forma geral a partir de um olhar superficial, pois precisamos frequentar esses lugares, ou procurarmos informações de forma rigorosa para sabermos o que acontece de fato em relação à cada prática.

No caso da Guiné-Bissau, existem pesquisas que comprovam a existência de violação de direitos de crianças e adolescentes, principalmente nas cidades. Eu, enquanto pessoa que nasceu cresceu e viveu por muitos anos na Guiné-Bissau, afirmo a existência de violação dos direitos de crianças e adolescentes no país, mas tem situações que são excepcionais, como o caso da presença de crianças e adolescentes Mandjakus no campo, pois isso justifica-se pela necessidade de elas acompanharem o processo do cultivo.

Para esta presença, a criança manifesta a vontade de participar do processo, estimulada pelos responsáveis. Estas presenças não são remuneradas, pois estas comunidades trabalham apenas para o sustento familiar, diferentemente do processo na Alemanha criticado por Marx, no qual as mulheres e crianças trabalhavam por horas exaustivas e recebiam baixos salários nas fábricas.

Nesta situação, os propósitos entre esses trabalhos são totalmente diferentes, porque nas fábricas as mulheres e crianças trabalham para o chefe, mas no trabalho colaborativo é feito um processo de ensinamentos por meio do trabalho, para garantir que a comunidade se sustente e garanta a sustentabilidade para as futuras gerações.

A divisão sexual do trabalho...

Por fim, o trabalho é um dos elementos centrais no processo educativo Mandjaku, que parte do ensino teórico e prático às crianças e adolescentes dos elementos necessários ao cultivo da terra, bem como todas as formas de trabalho doméstico, incluindo as práticas ritualísticas das suas comunidades.

REFERÊNCIAS

BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: **História Geral da África Volume I**. Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010.

CABRAL, Amílcar. *Unidade e Luta: Seleção de Discursos, 1963-1973*. Lisboa: Seara Nova, 1975.

CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Boenos Aires, 2005.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DOVE, Nah. **Mulherisma Africana: uma teoria Afrocêntrica**. *Jornal de estudos negros*. Vol. 28, Nº 5, Maio de 1998.

ELIAS, Norberto. *A Sociedade dos indivíduos*, 1939.

JÚNIOR, L. P.: **Sustentar a produção e conservação tradicionais de sementes de arroz crioulo na Guiné-Bissau**, 2019

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório** *Publicações e trabalhos científicos* / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7. ed. – 6. Reimpr. – São Paulo: atlas, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**, 1932/Roque de Barros Larraia. – Rio de Janeiro: zhara, 1986.

LEACOCK, Eleanor Burke, 1922-1987. **Mitos da dominação masculina**: Uma coletânea de artigos sobre as mulheres numa perspectiva transcultural /Eleanor Burke Leacock; [Tradução de Susana Vasconcelos Jimenez]. – São Paulo: Instituto Lukács, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério: 2º grau. Série Formação do Professor).

MOSÉ, Viviane (Org.). **A escola e os desafios contemporâneos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

PINTO, P.: **tradição e modernidade na Guiné-Bissau**: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento, Porto, 2019

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder**, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142.

SAVIANI, Dermeval: **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria Clara Bueno. Espaços/tempos milenares dos povos e comunidades tradicionais: notas de pesquisa sobre economia, cultura e produção de saberes. **Revista de Educação Pública**, v. 24, n. 56, p. 405-428, 2015.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & sociedade**, v. 38-46, 2007.

WIREDU, Kwasi. **How not to compare African thought with Western thought**. Philosophy and na African culture, 1984